

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

ABRIL 1982



A Natureza do Homem

Pág. 4

O Grande Conflito

Pág. 5

A Vida, Morte e Ressurreição de Cristo

Pág. 6

O Crescimento da Igreja

Pág. 11

A Criança Inadaptada

Pág. 14

A História do Correio

Pág. 16

De Belém ao Calvário

I

Reinava na Judeia, um déspota feroz,
De olhar sinistro e mau, um verdadeiro algoz

Um dia decretou, que todo o cidadão
Devia apresentar, o censo da nação.

Em cumprimento à lei, dirige-se a Belém
Uma jovem esposa, em vésperas de ser mãe.

Seu bondoso marido a esposa acompanhava,
Guiando um jumentinho onda a jovem montava.

Chegados ao local, procuraram repousar,
Mas tudo está ocupado, e não há mais lugar.

Vendo a triste expressão de Maria,
Um estalajadeiro oferece a estrebaria.

E assim entre animais, num silêncio profundo,
A Virgem deu à luz, o Salvador do mundo.

II

Em gélida manhã, junto a um monte escarpado
Onde medrava a urze e vegetava o cardo,

Pedindo à terra a seiva, ao cosmos sua luz,
Mãos profanas e más, ergueram uma cruz.

Pendendo do madeiro, em cruciante dor,
Agonizava Cristo, o Grande Redentor.

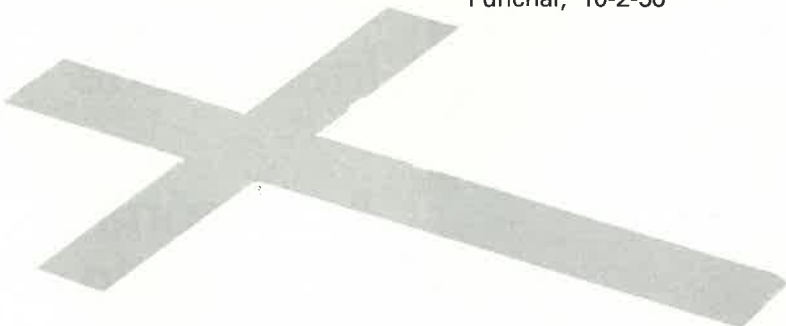
No meio de homens maus, num dólido sorriso,
Promete ao bom ladrão, entrar no Paraíso.

Chegada a hora nona, a terra estremeceu,
Jesus em alto brado a alma ao Pai rendeu.

Seu crime foi pregar a todo o pobre a paz,
Repudiar o mal, repreender Satanás,

Rogar ao Pai perdão, no auge da bondade,
Seu sangue derramar, salvando a Humanidade.

César Gomes Vieira
Funchal, 10-2-56



SUMÁRIO

- De Belém ao Calvário
- Editorial
- A Natureza do Homem
- O Grande Conflito
- A Vida, Morte e Ressurreição de Cristo
- «Não há simplesmente qualquer caso» (2)
- O Crescimento da Igreja
- A Criança Inadaptada
- A Família, Instituição básica
- A História do Correio
- Notícias do Campo
- A Mensagem Adventista no Mundo

Revista Adventista

Publicação mensal

ABRIL DE 1982

ANO XLIII

N.º 427

Director: J. MORGADO

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLÁNTICO

Redacção

e

Administração:

Rua Salvador Allende, lote 18, 1.º

Telefone 251 0844

2686 SACAVÉM CODEX

Execução gráfica:

SANTOS & COSTA, LDA. - artes gráficas
Vale Travelho - 2480 Porto de Mós

Preços:

Assinatura Anual . . . 250\$00

Número Avulso 25\$00

ESTRANGEIRO: além do preço de assinatura, os portes são a cargo do assinante.

Prezados Irmãos:

O mês de Abril é arcado anualmente por duas actividades evangelísticas em que devem colaborar todos os membros da Igreja Adventista.

A primeira é a Campanha das Missões, que se destina a obter fundos para a obra missionária mundial através da venda de uma revista. Nessa revista são apresentadas pela palavra e fotografia as actividades da Igreja no campo da beneficência.

De uma maneira especial será apresentada a obra nas Missões, que tem merecido e continuará a merecer o carinho de todo o povo Adventista.

É necessário que não sejam somente meia dúzia de irmãos em cada igreja a colaborar neste trabalho, mas que a maior parte dos membros tenha um trabalho activo nesta importante actividade missionária.

A segunda grande campanha missionária é constituída pelas reuniões especiais de Evangelização, que terão lugar em todas as igrejas durante o mês de Abril.

Nessa altura a Campanha de Evangelização do Norte estará funcionando em pleno, e nas Igrejas e Grupos realizar-se-ão também Campanhas especiais de Evangelização, de modo a mais uma vez anunciarmos as «boas novas» do Evangelho a todo o mundo.

Estas campanhas terão êxito na medida em que nós nos envolvemos nelas. A colaboração de todos é imprescindível. Não podemos dispensar ninguém.

O Evangelho ao ser proclamado encontrará eco nos corações humanos quando o procurarmos viver duma maneira sábia e pessoal. Os outros procurarão saber o que obtivemos com aceitação duma mensagem que transforma as vidas.

É nosso desejo que a participação nestas duas importantes actividades — a Campanha das Missões e as Campanhas de Evangelização — seja uma benção para todos os membros da Igreja Adventista e para o público em geral.

Joaquim Morgado



A Natureza do homem

Quando Deus decidiu criar os seres humanos à Sua imagem (Gen. 1:26, 27), Ele tomou uma porção de terra que Ele havia criado e transformou-a na forma que Ele desejava. Mas a forma ainda tinha falta de vida. Então Deus «soprou nos seus narizes o sopro da vida; e o homem tornou-se uma alma vivente» (cap. 2:7).

Ao soprar o sopro de vida nas narinas de Adão, Deus deu à raça humana a centelha de vida, ou o princípio de vida. É isto que torna os seres humanos em indivíduos conscientes e inteligentes. O pó da terra, quando combinado com o sopro de vida torna-se uma alma vivente. Sem esta combinação não há vida ou existência, tal como não havia vida na forma que veio a tornar-se Adão até que Deus soprasse nela o sopro de vida.

A fim de a «alma» poder existir, tem de ser composta de corpo (pó) e espírito (sopro de vida). Somente quando existe esta combinação é que há uma «alma vivente». Isto pode ser mais prontamente compreendido se em vez de *alma* usarmos o termo *ser*, como aparece na Versão Revista Americana de Gênesis 2:7, que diz: «e o homem tornou-se um ser vivo».

Que espécie de seres vivos se tornaram os seres humanos? Os animais partilham com os humanos os ingredientes na receita da vida — o pó da terra e o sopro de vida (cap. 7:21, 22; ver a margem também). Mas os humanos são, por si mesmos, uma classe porque só eles foram criados à imagem de Deus. Foi-lhes dada uma espécie de inteligência especial, inteligência essa que os animais não têm. Os seres humanos reflectem física, mental e espiritualmente a imagem de Deus. Possuem uma individualidade que tem poder para pensar, agir, e corresponder ao amor de Deus como nenhum outro animal pode fazer.

A natureza humana é santa. Embora tenhamos sido criados seres livres, cada um de nós é uma unidade indivisível de corpo, mente e alma, dependente de Deus para a vida, respiração e tudo o mais. Mas Deus deu aos seres perfeitos que Ele criou a maior de todas as dádivas — o poder de escolha. Sem oportunidade para fazer escolhas, os humanos nunca poderiam desenvolver o carácter moral ou servir a Deus por amor. Ao dar aos seres criados esta dádiva, Deus correu o risco de que eles usassem mal este poder e acarretassem sobre si mesmos os resultados do pecado.

Quando os nossos primeiros pais desobedeceram a Deus, negaram a sua dependência d'Ele. Ao fazerem assim, perderam a capacidade, a eles conferida por Deus, de viverem física, mental e espiritualmente como Ele pretendia que vivessem. Devido ao pecado as leis da hereditariedade, destinadas originalmente a serem uma benção à raça humana, tornaram-se um mecanismo pelo qual as tendências pecaminosas passam duma geração para outra.

A imagem de Deus segundo a qual os humanos foram criados tem sido manchada pelo pecado. Todos nós partilhamos duma natureza caída, pecaminosa e suas consequências degenerativas. Na nossa própria força é-nos impossível negar os reclamos da nossa natureza caída. Nascidos numa família humana pecaminosa, possuímos tendências herdadas para o pecado.

Os nossos corações são «enganosos acima de todas as coisas, e desesperadamente maus» (Jer. 17:9). Sobre tudo isso há a acrescentar o facto de que todos nós temos pecado por nós mesmos. «Não há um justo, nem um sequer» (Rom. 3:10). «Porque todos pecaram, e destituídos estão da glória de Deus» (vers. 23). Além disso, Satanás toma vantagem da nossa fraqueza hereditária e das nossas tendências pecaminosas para nos enlaçar no pecado. Com tudo isto a operar contra nós, poderia parecer que não podemos evitar de seguir os caminhos do pecado.

Mas Deus em Cristo reconciliou o mundo consigo mesmo e pelo Seu Espírito restaura nos penitentes mortais a imagem do seu Criador. Ele perdoa os nossos pecados, libertando-nos da carga da culpa e da vergonha e restaura-nos, desse modo, ao Seu companheirismo (Lucas 4:18; I João 1:9; 3:1, 2). A fim de lidar com o problema das nossas naturezas pecaminosas, Ele transforma as nossas naturezas (Rom. 12:2), torna-nos novas criaturas (II Cor. 5:17), e muda a nossa maneira de proceder. Esta mudança nas nossas naturezas é tão dramática que a Bíblia a define como novo nascimento (João 1:12, 13; 3:3).

Uma das consequências do pecado para a humanidade foi que, como Deus havia previamente advertido (Gén. 3:3), a morte entrou no mundo — os seres humanos tornaram-se mortais, sujeitos à morte. Romanos 6:23 indica que «o salário do pecado é a morte» mas apressa-se a acrescentar que «o dom de Deus é a vida eterna por intermédio de

Jesus Cristo nosso Senhor».

Devido ao pecado, todos os que nascem neste mundo, estão sujeitos à primeira morte, mas esta morte não é, afinal, «o salário do pecado». O verdadeiro salário do pecado é a segunda morte que resulta em esquecimento eterno. É o oposto da vida eterna. Mas somente aqueles que escolhem continuar a viver vidas pecaminosas têm de sofrer a segunda, ou eterna, morte. Deus proveu um plano — o plano da salvação — pelo qual os seres mortais e pecaminosos podem escapar do «salário do pecado».

Quando aceitamos a Cristo como nosso Salvador, aceitamos a vida que era Sua porque Ele tomou a morte que era nossa. Conseqüentemente, aqueles que aceitaram a Cristo podem morrer, mas após isso vem a ressurreição, quando lhes será da-

da imortalidade (I Cor. 15:51-57; Apoc. 21:4).

A queda em pecado de Adão e Eva também afetou a sua liberdade de escolha e a dos seus descendentes. Em Romanos 6:12 Paulo fala do pecado reinando nos nossos corpos mortais. Somos por natureza servos, ou escravos, do pecado (vers. 17). Estamos sob o domínio do pecado e da morte. Não temos qualquer escolha ou poder para lhes resistir. Mas quando Cristo toma posse das nossas vidas, Ele liberta-nos do domínio do pecado e da morte e dá-nos de novo poder para escolhermos ser livres do reino do pecado. No seu lugar temos a promessa de vida eterna (vers. 7-23).

Para estudo adicional:

Ver Gên. 3; Salmos 8:4-8; 51:5; Ecl. 12:14; Ezeq. 18; Rom. 5:12-17; 7; 1 Cor. 15:22; 2 Cor. 5:19, 20; Efés. 2:2-5.



O Grande Conflito

Durante milhares de anos os filósofos e outros pensadores têm tentado dar uma explicação satisfatória para a complexa mistura do bem e do mal que prevalece no mundo. Porque existem botões de rosa lado a lado com espinhos? Porque há animais que matam e comem outros e uns aos outros? Porque há pessoas em certas partes do mundo que têm abundância de comida enquanto noutras partes há pessoas morrendo de fome? Porque morre uma criança inocente num acidente de automóvel enquanto que o culpado condutor embriagado escapa ileso? Porque pessoas ricas se tornam cruéis enquanto que pessoas humildes muitas vezes se atolam cada vez mais na pobreza?

Os filósofos têm dado uma variedade de respostas. Os ateus, que sustentam que o mundo e todas as formas de vida começaram por acaso, sugerem que o bem e o mal se encontram numa espécie de «competição de sobrevivência do melhor preparado»; e que eventualmente apenas um sobreviverá. Outros têm sugerido que, pelo menos, dois deuses governam o mundo; um é bom, o outro é mau. Ainda outros têm sugerido que Deus é poderoso mas não suficientemente poderoso para desarraigar o mal, e que, por conseguinte, o bem e o mal estão numa espécie de xeque, isto é, incidente no jogo de xadrez.

A verdadeira explicação, contudo, encontra-se na palavra de Deus.

De acordo com as Sagradas Escrituras, há muitos milhares de anos atrás, antes deste mundo ter sido criado, o mal teve origem misteriosa no coração de Lúcifer, o mais exaltado dos anjos celestiais. A falta não foi de Deus, pois Lúcifer foi criado perfeito (Ezeq. 28:15). Mas aparentemente Lúcifer não estava satisfeito com a sua posição. Ele sentiu que lhe devia ser tributada honra igual à de Deus, particularmente o Filho (Isa. 14:12-14). Ele permitiu que pensamentos de inveja e ciúme o dominassem.

Ele devia ter afastado estes pensamentos. Devia ter reconhecido que como ser criado não tinha qualquer direito à honra devida à divindade. Mas assim não aconteceu. Em vez disso acariciou os seus maus pensamentos e confiou-os aos seus companheiros angélicos. Obviamente ele declarou claramente: «Estou ciumento de Cristo». Muito provavelmente semeou sementes de insatisfação e desafecto. «Não pensais vós que as estruturas do céu são demasiado estritas? Porque precisa o governo de Deus de leis? Não percebo a razão por que seres santos necessitam de leis. Não penso que Deus nos ame como Ele afirma; Ele obtém satisfação em decretar ordens. Ele é injusto e falso.»

Esta espécie de sugestão e insinuação continuou até que um terço dos anjos se colocou decididamente ao lado de Lúcifer. Desviados pela sua cantilena, eles pensaram que ele poderia estabelecer um governo superior ao de Deus.

Com infinita paciência Deus esforçou-Se por explicar as Suas acções e persuadir Lúcifer e os seus simpatizantes a abandonar a carreira desastrosa que estavam prosseguindo. Ele esforçou-Se por tornar claro que as leis celestiais estão fundadas em amor e são essenciais à felicidade. Mas Lúcifer e os seus companheiros rebeldes foram intransigentes; eles recusaram aceitar as explicações de Deus ou aceder às Suas súplicas.

As Escrituras dizem-nos que a crise continuou até que «houve guerra no céu» (Apoc. 12:7-9). Lúcifer e os seus simpatizantes lutaram contra Cristo e os amigos leais, tentando arrebatam o trono de Deus. Mas foram derrotados e expulsos do céu.

Deus deu tempo a Lúcifer

Deus não destruiu imediatamente Lúcifer e os seus seguidores, mas deu-lhes tempo e oportunidade para mostrarem se as suas acusações contra o Seu carácter e lei eram justas. Deus colocara Adão e Eva na terra, o primeiro par humano, no jardim do Éden, e estabeleceu um teste de carácter de maneira a poderem demonstrar-Lhe a sua lealdade. O teste era simples: Deus colocara à parte uma árvore no jardim e disse a Adão e Eva para não comerem dela (Gén. 2:16-17); a desobediência traria morte. Lúcifer (agora renomeado Satanás) viu nisto uma oportunidade para tentar o santo par a comer o fruto e assim se juntarem a ele na rebelião.

Trágica e incrivelmente, Adão e Eva renderam-se à tentação de Satanás. Misericordiosamente Deus poupou as suas vidas de modo a terem oportunidade de se arrependerem, mas a penalidade para a transgressão da lei de Deus tinha de ser enfrentada. Deste modo Deus ofereceu o Seu próprio Fi-

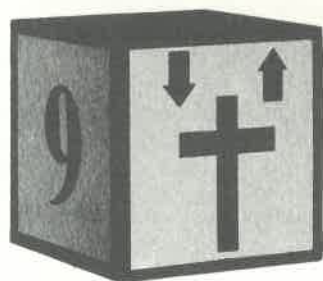
lho para vir a esta Terra e morrer como substituto divino, tomando o lugar dos pecadores. Ele também prometeu um conflito contínuo entre o bem e o mal (cap. 3:15).

Com o passar do tempo, os efeitos do pecado tornaram-se cada vez mais evidentes não somente sobre a raça humana mas também sobre toda a natureza. E os princípios advogados por Satanás, a princípio dificilmente discernidos como perigosos, produziram uma colheita de maus frutos. Há dezanove séculos atrás quando Satanás inspirou seres humanos a matarem Jesus, todos os seres doutros mundos viram claramente que Deus era justo e Satanás injusto. Todos os habitantes do céu e algures viram que Deus é amor e que a Sua lei é justa e necessária. Mas para dar aos habitantes do nosso mundo ampla oportunidade para compreenderem as implicações no grande conflito e escolherem o lado que desejassem tomar, Deus permitiu que o drama do pecado continuasse por mais alguns séculos.

Hoje o conflito está-se aproximando do seu final. Com grande urgência o Espírito Santo e os anjos estão procurando ajudar as pessoas a escolherem o lado de Deus e a buscarem a lealdade a Deus, justiça, e verdade acima da própria vida. As Escrituras tornam claro que o desfecho final será a vitória completa de Deus e a vindicação do Seu carácter e da Sua lei. Mas até esse dia — o dia em que Deus destruirá Satanás e os seus seguidores e purificará o mundo pelo fogo — o bem e o mal continuarão lado a lado, como um poderoso testemunho da continuação da guerra mortífera que as forças sobrenaturais há muito iniciaram no céu.

Para estudo adicional

Ver Gén. 6-8; Rom. 1:18-32; 5:12-21; 8:19-22; 1 Cor. 4:9; Heb. 1:4-14; 2 Pedro 3:6.



A Vida, Morte e Ressurreição de Cristo

Deus não foi surpreendido com a entrada do pecado no Universo. Antes mesmo de ter surgido o pecado, Ele o tinha previsto e feito provisão para o enfrentar. Cristo é «o Cordeiro morto desde a fundação do mundo» (Apoc. 13:8). A fim de contrariar o mistério do mal Deus haveria de contrapor o mistério da cruz. O próprio Deus haveria de responder ao problema do pecado ao enviar o Seu Filho para ser Emanuel, Deus connosco (Mat. 1:23).

Embora inteiramente humano, Jesus viveu uma vida de perfeita obediência à vontade divina. «Deleito-me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração» haviam as Escrituras predito acerca d'Ele (Sal. 40:8). Ele foi assaltado pelo tentador, sofrendo até à morte, e foi provado «em tudo... como nós,» mas foi vitorioso em cada prova (Heb. 2:18; 4:15). «Quem de vós Me convence de pecado?» Desafiou Ele os Seus acusa-

dores (João 8:46, R.S.V.). Pela Sua vida de submissão e perfeita obediência à vontade divina, Cristo desarmou os ataques de Satanás contra a lei. Ele cumpriu a lei (Mat. 5:17-19), demonstrando por preceito e exemplo a riqueza e a profundidade do padrão divino. Assim, pela Sua vida entre nós como homem Cristo mostrou a verdadeira humanidade — humanidade obediente a Deus.

Todavia para solucionar o problema do pecado não era suficiente que Jesus vivesse uma vida perfeita. Sob as provisões do concerto eterno (Heb. 13:20), Ele devia ser «o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo» (João 1:29). Uma vez que «o salário do pecado é a morte», requerido pelos reclamos da lei violada, o plano de Deus para nos salvar apontava inevitavelmente para a cruz. «Cristo morreu pelos nossos pecados» (1 Cor. 15:3). «Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós, para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus» (2 Cor. 5:21). Ele tomou sobre Si mesmo os nossos pecados morrendo a morte que era nossa, de modo a podermos receber a justiça que era Sua e viver a Sua vida. «Ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados» (Isa. 53:5). À luz da cruz vemos a enormidade do pecado e ficamos boquiabertos perante a medida do amor de Deus para conosco. Exclamaremos com Paulo: «Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo» (Gál. 6:14).

E a sepultura não O podia reter! Crucificado numa Sexta-feira de manhã, morto e sepultado à tarde, quebrou as algemas da morte no Domingo de manhã. Ele ressurgiu como vencedor sobre a morte assim como sobre o pecado. Ao entrar no reino da morte, Ele destruiu «aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo» (Heb. 2:14) e tornou-Se «o primogénito dos mortos» (Apoc. 1:5), Aquele que «tem as chaves do inferno e da morte» (Apoc. 1:18). A Sua vitória sobre a morte assegura-nos a nossa vitória sobre a morte. Ele promete-nos «Porque Eu vivo, vós vivereis também» (João 14:19). A Sua vitória garante igualmente o desfecho do gran-

de conflito entre o bem e o mal. Embora ainda aguardemos a consumação de todas as coisas, Satanás é um inimigo derrotado, a sua destruição final é certa.

Deste modo, por intermédio da vida, morte, e ressurreição de Jesus Cristo, Deus cumpriu o Seu plano para salvar a humanidade perdida. Quando Deus perdoa, Ele não afasta levemente o pecado; é devido à cruz «que Ele pode ser justo, e justificador de todo aquele que crê em Jesus» (Rom. 3:21-26). Em Cristo Deus revelou o Seu ódio pelo pecado, mas por outro lado tornou possível um meio de escape para o pecador. Ao mesmo tempo exaltou a Sua lei, violada pelo homem e atacada por Satanás e da morte obteve vida.

A entrada do pecado num Universo perfeito trouxe dor, tristeza, e morte. Todavia a maravilhosa sabedoria de Deus, os Seus infinitos recursos manifestados no plano da salvação, provaram-se mais do que suficientes para enfrentar a terrível emergência. «Onde abundou o pecado, superabundou a graça; para que, assim como o pecado, reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor» (Rom. 5:20, 21).

Devido à vida, morte e ressurreição de Jesus compreendemos mais do carácter de Deus do que jamais teria sido possível, e todo o Universo caído é atraído para mais perto d'Ele maravilhado pela Sua compaixão pelos pecadores.

Cristo é Senhor! Rei da vida, Vencedor da morte, Vitorioso sobre o pecado e Satanás, «Deus O exaltou soberanamente, e Lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai» (Fil. 2:9-11). Esta é a razão pela qual os remidos de todos os tempos cantarão ao redor do trono de Deus: «Digno é o Cordeiro que foi morto!» (Apoc. 5:12).

Para estudo adicional:

Ver João 3:16; Rom. 1:4; 4:25; 8:3, 4; 2 Cor. 5:14, 15; Col. 2:15; 1 João 2:2; 4:10.

LIVRARIA DA IGREJA ADVENTISTA

ESTAS, E MUITAS OUTRAS
OFERTAS SENSACIONAIS

Saiba viver melhor!
certifique-se desta afirmação.

- LIVROS MAGNÍFICOS
- CARTÕES POSTAIS
- DISCOS
- CASSETES
- JOGOS BÍBLICOS



Para si e seus filhos

à Rua Joaquim Bonifácio, 17 LISBOA

«Não há simplesmente qualquer caso» (2)

Entrevista acerca de Ellen White e dos seus escritos com o Advogado Vincent L. Ramik, sócio gerente da Firma Diller, Ramik & Wight, Ltd., especialistas em casos de patentes, comercialização e lei sobre direitos de autor, em Washington, D.C.

Revista Adventista: Senhor Dr. Ramik, quanto conhecia dos Adventistas do Sétimo Dia em geral, e de Ellen White em particular, antes de lhe ter sido pedido para pesquisar as questões legais envolvidas pelo uso de fontes literárias pela senhora White?

Ramik: Realmente, o meu conhecimento era bastante limitado. A nossa firma fez algum trabalho para os Adventistas do Sétimo Dia, provavelmente há cerca de 50 anos, antes de eu me ter tornado sócio dela. E nós continuámos a representar os Adventistas em vários assuntos através dos anos. Mas o meu conhecimento deles como povo era mínimo. E conhecia escassamente alguma coisa sobre Ellen White a não ser o que de vez em quando lia nos jornais — e, com certeza, em Novembro de 1980 aquela história de meia página no jornal Washington Post que não foi nada favorável.

Revista Adventista: Lembra-se de como entrou neste caso presente?

Ramik: Sim. O Advogado Warren Johns, dos serviços legais da vossa Conferência Geral, contactou-me e fez-me talvez, uma meia dúzia de perguntas, de modo abstracto, sobre plágio, literalmente roubo literário, infracção à lei sobre direitos de autor, e coisas correlativas. Mas não se referiu a quaisquer nomes. Tendo lido o artigo do jornal, acima mencionado, não muito tempo antes, perguntei ao senhor Johns: «tem isto alguma coisa a haver com o caso de Ellen White na vossa igreja?» Ele respondeu-me que, na verdade, sim. E continuámos a partir dali.

Revista Adventista: Uma vez posto ao corrente do caso, que preparação fez, por meio de leitura, antes de esquadriñar a lei que se refere a assuntos literários?

Ramik: Obtive um livro da senhora White, **O Grande Conflito**, que li de capa a capa. Obtive outros livros da senhora White. Contactei Ron Graybill, da vossa Conferência Geral, e ele deu-me uma grande quantidade de material — um livro sobre a Vida de Cristo por Hanna e coisas semelhantes. Também me deu material dos críticos de Ellen White desde D.M. Canright até Walter Rea. E também me deu

uma porção de obras de autores Adventistas que tentaram defender a senhora White. No meu relatório menciono muitas das obras que foram consultadas.

Revista Adventista: Qual foi a sua reacção depois de ter digerido todo esse material?

Ramik: Bem, essa é uma pergunta interessante! Eu comecei, penso eu, basicamente neutro acerca das acusações literárias. Mas, de certo modo, ao ler um determinado autor adventista em defesa da senhora White, fiquei com a impressão que ela não foi, de facto, muito bem defendida.

Revista Adventista: O que quer dizer com isso?

Ramik: Bem, eu fiquei com a impressão que a senhora White foi, se posso usar a expressão que tem sido usada por outros, uma «apropriadora» literária. Que ela se tinha apropriado extensamente e isso com pouca candura e honestidade! Noutras palavras — e isto foi antes de ter examinado as suas próprias obras — tornei-me realmente influenciado **contra** ela no sentido em que eu pensava ser ela o que algumas pessoas, tais como o seu último crítico, Walter Rea, havia alegado — culpada de plágio.

Revista Adventista: Uma vez que examinou os seus próprios escritos, foi essa impressão negativa reforçada ou de qualquer modo alterada?

Ramik: Eu volvi gradualmente 180 graus na outra direcção. Descobri que as acusações em si mesmas não eram verdadeiras. Mas tive de obter isto dos seus escritos; não o obtive quer das pessoas que têm dito ter ela sido plagiária, quer das pessoas que têm dito que não. Eu precisei, pura e simplesmente, de ler os seus escritos e então desembaraçar a minha mente da influência que já havia nela formado — preconceito. E, por fim, ela surgiu perfeitamente favorável. Mas isso levou mais de 300 horas de leitura — incluindo, com certeza, histórias de casos legais.

Revista Adventista: Foi então a leitura dos seus escritos que mudou a sua mente?

Ramik: Foi ao ler as suas **mensagens** nos seus escritos que mudou a minha mente. E penso que há aqui uma diferença — uma diferença muito grande.

Revista Adventista: Gostaria de descrever a diferença que vê?

Ramik: Eu creio que os críticos perderam muito mal o seu tempo ao focarem os **escritos** da senho-

ra White, em vez de focarem as **mensagens** nos seus escritos.

Revista Adventista: O que é que encontrou nas suas mensagens, sr. Ramik? Como o afectaram elas?

Ramik: A senhora White moveu-me! Com toda a candura, ela moveu-me. Sou um Católico Romano; mas, Católico, Protestante ou o que seja — ela moveu-me. E eu penso que os seus escritos deveriam mover qualquer pessoa, a não ser que esteja permanentemente preconcebida e inflexível.

Revista Adventista: Pode explicar o que quer dizer com isso?

Ramik: Bem, uma pessoa pode viver nesta terra, fazer boas obras e dizer para si mesma (e talvez para outras): «Sou uma boa pessoa.» E após algum tempo acabar por acreditar que assim é. Mas quando foi a última vez que essa pessoa olhou realmente para o interior de si mesma e verificou o que era realmente? Ora, há muitas coisas que a senhora White escreveu que talvez causarão, se lidas seriamente, uma pessoa a olhar honestamente para o íntimo de si mesma. E se o fizer, o verdadeiro eu será revelado. Eu penso que conheço hoje um pouco mais acerca do real Vincent Ramik do que conhecia antes de ter começado a ler a **mensagem** de Ellen White, não apenas os seus **escritos**.

Revista Adventista: Ficou surpreendido com esta reacção?

Ramik: Suponho que «agradavelmente surpreendido» seria uma declaração levemente incompleta. Mas ela diz algumas coisas muito profundas, bastante francas, ainda que soem como se tivessem sido ditas antes. Muito honestamente, penso que terminei esta tarefa com mais esforço do que lhe dedicara a princípio. E foram apenas as suas mensagens. É simplesmente o que recebemos quando lemos alguma coisa. Faz-nos crer um pouco mais firmemente em coisas que no passado críamos um pouco menos. Eu não sou uma pessoa religiosa; não sou um Católico Romano praticante. Nasci Católico; mas acontece que a minha mulher é Protestante; um dos nossos filhos foi baptizado Católico, outro Protestante. Suponho que possam pensar que somos uma família «ecuménica»! Essencialmente, a minha perspectiva sobre qualquer coisa, incluindo este trabalho e na minha vida diária, é procurar a vontade de Deus a meu respeito; e então espero ter a coragem e sabedoria para a levar avante. Eu tenho na verdade um Deus da minha compreensão. A senhora White fez-me compreendê-lo um pouco melhor. E por isso, penso que sou uma pessoa melhor hoje do que quando comecei este projecto.

Revista Adventista: E a mensagem?

Ramik: A mensagem é o que é importante. O crítico lê uma frase, e não recebe qualquer significado dela — ele pode, e por vezes o faz, até tirá-la do seu contexto. Mas devemos ler a mensagem inte-

gramalmente. Qual é a intenção do autor? O que é que ele está, na verdade, a dizer — donde procedem as **palavras** não é verdadeiramente importante. Qual é a **mensagem**? Se menosprezarmos a **mensagem**, então até mesmo a Bíblia não é digna de ser lida, nesta acepção da palavra.

Revista Adventista: Qual dos livros da senhora White achou mais útil?

Ramik: O único que li completamente foi **O Grande Conflito**. Mas, antes de ter terminado a minha pesquisa, li uma boa porção de capítulos dos seus livros. Eu não penso que haja grande diferença sobre **qual** dos seus livros uma pessoa lê; eu penso que qualquer que seja o livro que uma pessoa leia, o que importa é o propósito que tem em vista segundo as suas necessidades.

Revista Adventista: E não se aborreceu nem se preocupou que certas pessoas digam que ela utilizou bastante matéria de outros escritores e autores?

Ramik: 40 ou 400 — é francamente irrelevante. Não me faria qualquer diferença se **todas** elas tivessem sido retiradas de outras obras.

Revista Adventista: Que diz então sobre plágio? Não há realmente plágio?

Ramik: Não há uma tal coisa, na **lei**, como «plágio». Os crimes literários são os que se referem quer a roubo literário quer a infracção da lei sobre direitos de autor. Roubo literário não é uma coisa fácil de provar. Podemos ler uma obra de alguém, e encontrar uma palavra, uma frase, uma oração, e dizer, «Ah! aqui está. Ele ou ela retirou-a dum escritor precedente. E aqui está outra.»

Permiti que explique isto desta maneira: Ontem à noite reli o meu memorando sobre este caso, e verifiquei que utilizei o adjectivo «prodigiosa» ao referir-me à senhora White como escritora. Então, por coincidência, calhei a ler, também ontem à noite, um livro que me emprestaram intitulado **A Visão Ousada**. E referia-se à senhora White como escritora «prodigiosa». Então, quando entrei nesta sala esta tarde, alguém a chamou de escritora «prodigiosa». Bem, eu não utilizei o termo porque foi utilizado por alguém mais; eu utilizei-o porque me é uma palavra natural para utilizar. Mas os críticos agarram-se a tais coisas e fazem dum montículo duma toupeira uma montanha.

E outra questão que o crítico usualmente ignora é esta: É a declaração que o alegado «plagiário» retirou dum autor precedente realmente **original** no que diz respeito ao autor **precedente** — ou retirou-a, talvez, conscientemente ou não de alguém antes dele?

Agora consideremos o caso de Walter Rea. Ele lê Ellen White e diz: Encontro aqui uma certa frase, um certo parágrafo ali, que vieram deste predecessor. Bem, isto não constitui prova alguma; trata-se duma suposição. E eu penso que o primeiro passo a ser dado por qualquer crítico veraz é de se volver

para o original **genuíno** — pode tratar-se de Virgílio, Homero ou a Bíblia. Porque como pode uma pessoa saber se foi original com o predecessor — como podemos saber se ele não a adquiriu de outra pessoa que, por outro lado, não a adquiriu de outra pessoa precedente ainda? Não disse Salomão que «Nada há novo debaixo do sol»?

Revista Adventista: Na sua opinião legal, sr. Ramik, o senhor referiu que muitas das obras de que a senhora White é acusada de «roubo literário», isto é, plágio, não estavam, de facto, legalizadas sob a lei de direitos de autor e de editor, quer pelo autor ou editor, e eram, por conseguinte, do domínio público — eram deste modo propriedade pública. O senhor continuou, mais adiante, e referiu que até mesmo se elas tivessem sido legalizadas sob a lei de direitos de autor e de editor, o uso destas obras por Ellen White enquadra-se perfeitamente bem dentro dos limites cuidadosamente prescritos de «utilização honesta», tal como definidos pela lei do seu tempo. Um crítico contemporâneo, contudo, levanta a questão de ética e propriedade: Foi moral para Ellen White ter utilizado bastante as produções literárias de outras pessoas e não ter, pelo menos, reconhecido as fontes? Importa-se de responder à questão de ética aqui?

Ramik: Certamente que sim. O senhor Walter Rea disse publicamente (e eu ouvi a cassette com a gravação duma das suas apresentações e depois li o verbete cuidadosamente) que não há nada «moral» numa definição puramente legal de plágio. Claro está, que ele ataca, algures, a senhora White na base moral e ética quanto ao uso de material de outros autores. Bem, primeiro, ele está totalmente errado ao dizer que não há qualquer elemento de moralidade na acusação de plágio. H. M. Paull, que escreveu **Literary Ethics** (Éticas Literárias) por volta do ano de 1928, é ainda hoje reconhecido como uma autoridade no assunto. Incidentalmente, embora ele não tenha definido no seu livro a questão de «plágio» (porque, como disse há pouco, o «plágio», por si mesmo, não é um crime), ele contrasta, realmente, o roubo literário com o plágio. O ladrão literário não se importa se é apanhado; mas o plagiário preocupa-se se é ou não apanhado. (E, no entanto, ele diz que não há qualquer elemento de moralidade envolvido no plágio!) Incidentalmente, acusar Ellen White de plagiar a não legalizada obra de Conybeare & Howson **Life of Paul** (Vida de Paulo) é absurdo, se outras razões não houvessem senão o facto de que ela própria publicamente apelou aos seus leitores para adquirirem um desses livros e o lerem.

Revista Adventista: Muito bem; mas, importava-se ainda de comentar sobre se Ellen White usurpou a área ética por ter usado material — citações, paráfrases, ideias, etc. — de outros sem declarar publicamente onde o adquiriu?

Ramik: Não há nenhuma razão pela qual Ellen White

não pudesse ter usado as ideias de outros ao expressar os pensamentos que ela desejava transmitir. Não é sequer racional esperar que alguém escrevendo sobre um assunto teológico, por exemplo, escreva no abstracto sem pesquisar o que outros que o antecederam — ou até mesmo contemporâneos — disseram sobre o assunto.

Em meados do século XIX — exactamente quando Ellen White estava a começar a escrever para publicar, 1845 — no caso legal de **Emerson V. Davies**, o tribunal de justiça de Massachusetts exonera um escritor que usara as palavras e ideias de outros homens e combinou-as na sua própria composição.

De facto, o Juiz Story diz que somente os tolos tentam fazer aquilo que foi melhor feito no passado; ninguém jamais constrói realmente uma linguagem exclusivamente sua própria.

Noutras palavras, as palavras existem por si mesmas há anos e anos. O ponto crucial é a questão de como uma pessoa as agrupa, e o objectivo que se busca obter dessas palavras.

Ora, se alguém no passado, de acordo com o Juiz Story, escreveu algo que está esplendidamente escrito — algo histórico, comum, do dia a dia do viver humano ou experiência — porquê empenhar-se uma pessoa em dizer isso melhor do que outra pessoa o tenha já feito?

Para esses tipos de escritos não há nada errado ou incongruente. Pelo contrário, é o homem sensível, o sábio, que faz uso daquilo que foi feito no passado, quando tal foi bem feito. Algures num dos nossos arquivos legais há uma inscrição por cima da porta que diz: «O Passado é Prólogo». Eu creio que isto se aplica aos escritos também.

Ellen White usou os escritos de outros; mas da **maneira** como ela os usou, tornou-os singularmente seus, quer ética quer legalmente. E, o que é mais interessante, ela melhorou invariavelmente aquilo que «seleccionou»!

Revista Adventista: Tem alguma coisa que gostasse de acrescentar a este assunto fascinante?

Ramik: Sim. Eu creio que foi Warren Johns quem partilhou esta analogia comigo certa vez quando estivemos a discutir este caso. A situação é algo semelhante à do construtor que pretende construir uma casa. Há certos materiais básicos que lhe estão à disposição — janelas, portas, tijolos, etc. Há até certos materiais de reconhecida textura e estilo que foram criados pelas combinações destes diferentes materiais por constructores precedentes.

O construtor junta muitos destes materiais e utiliza-os na sua construção. Contudo o modelo da casa, o estilo e a configuração final, o tamanho, o conforto, são todos únicos do construtor imediato, contemporâneo. Ele coloca individualmente o seu próprio selo sobre o produto final — e é singularmente seu. (E ele não diz — ou necessita de dizer — eu adquiri este tijolo aqui, aquela porta acolá, ou aquela janela além!)

Eu penso que foi essa a maneira como Ellen

White fez uso de palavras, frases, orações, períodos, parágrafos, sim, e até páginas, dos escritos de outros antes dela. Ela permaneceu bem dentro dos limites legais de «uso honesto», e durante a sua vida de escritora criou algo que era substancialmente maior (e até mais belo) do que a mera súpula das partes componentes. E eu penso que a tragédia fundamental reside no facto dos críticos falharem em ver isto.

Tem-me sido perguntado se eu creio que Ellen White tenha sido «inspirada». Bem, **inspiração** é uma palavra teológica, não uma palavra legal; e eu sinto-me mais familiarizado com palavras legais do que com palavras teológicas.

Eu não sei se ela foi inspirada, no sentido teológico. Creio firmemente que ela foi altamente motivada. E se não foi Deus quem a motivou, então não sei quem o possa ter sido.

Mas eu adquiri esta impressão apenas dos seus próprios escritos. Eu não estive presente quando ela escrevia, e suponho, por outro lado, que poucos dos críticos o tenham estado. Tenho o sentimento de que a não ser que uma pessoa tenha algum tipo de «motivação», tal pessoa não poderá, de modo nenhum, expressar em palavras aquilo que recebi dos seus escritos.

Ora, eu, pessoalmente, não sou perturbado pelo pensamento de que Deus possa tê-la inspirado a se-

leccionar algo dum certo livro. E se Deus a inspirou a seleccionar algo que foi escrito por outra pessoa melhor do que ela própria poderia ter escrito, que há de errado nisso?

Realmente, em última análise, eu penso que tudo isso é uma questão de fé. E, por mim mesmo, não tenho qualquer problema em aceitar pela fé o que ela escreveu.

O cerne da questão é: O que realmente conta é a **mensagem** da senhora White e não meramente os seus **escritos** mecânicos — palavras, períodos, orações, parágrafos. Os teólogos, segundo tenho sido informado, distinguem aqui entre inspiração verbal e inspiração plena. Muitos dos críticos têm falhado tanto num caso como noutro. E isso é muito mau, também!

Eu, pessoalmente, fui tocado, profundamente tocado, por esses escritos. Fui mudado por eles. Penso que sou um homem melhor devido a eles. E gostaria que os críticos pudessem descobrir **isso!**

Revista Adventista: Senhor Ramik, como resumiria o caso legal contra Ellen White no que diz respeito às acusações de plágio, roubo literário, e infracção da lei sobre direitos de autor?

Ramik: Se tivesse de ser envolvido em tal caso legal, preferiria muito mais aparecer no conselho de defesa do que no do libelo. Não há simplesmente qualquer caso!

GOTTFRIED OOSTERWAL

O Crescimento da Igreja

Em 1970 o Departamento da Missão Mundial da Universidade de Andrews tomou a iniciativa de ter um seminário sobre *o crescimento da Igreja* fixando os objectivos seguintes:

1. Fazer conhecer ao pastor os factores que estimulam ou entravam o crescimento da Igreja.
2. Ajudar o pastor a determinar a eficácia dos diferentes métodos de evangelização adventistas, o crescimento e a missão da Igreja.
3. Descobrir novas formas de aproximação e estratégia para o desempenho do mandato divino.
4. Ajudar o pastor a fazer planos com vista ao crescimento da Igreja segundo a perspectiva bíblica.
5. Levar o pastor a assumir a sua função de

condutor da Igreja sob todos os aspectos, nomeadamente no sentido de poder formar e qualificar os membros leigos a fim de que eles assumam o seu papel no crescimento da Igreja.

Para realizar este programa, iniciámos o pastor no estudo do crescimento da Igreja, de inquéritos e análises. Quando estes inquéritos foram discutidos, concluímos que estas pesquisas seriam extremamente úteis aos responsáveis e administradores da Igreja, particularmente aqueles que estão envolvidos em projectos de evangelização e na promoção do crescimento da Igreja. Por conseguinte, no começo de 1971, foi decidido pela Conferência Geral, sob a iniciativa da Associação Pastoral, pedir ao Departamento da Missão Mundial que preparasse relatórios sobre dois problemas cruciais do crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia:

1. Quais são os factores que incitam os habitantes da América do Norte a entrar em contacto

GOTTFRIED OOSTERWAL

Director do Instituto das Missões na
Universidade de Andrews

com a Igreja Adventista, a aceitar a sua mensagem e a serem batizados?

2. Quais são as principais razões de apostasia na Igreja? Estas duas pesquisas foram levadas a efeito e os resultados foram publicados. A primeira sob o título: «Patterns of SDA Church Growth in North America» (Padrões de Crescimento da Igreja ASD na América do Norte) foi publicada pela Universidade de Andrews em 1976. A segunda intitulada: «Dissociation: An Investigation into the contributing factors of backsliding and separation from the SDA Church in Michigan», (Dissociação: Uma Investigação aos factores contribuintes para a apostasia e separação da Igreja ASD no Michigan), foi escrita por L. Nielsen em 1977.

Os factores do crescimento da Igreja

Este artigo propõe estudar alguns dos factores que ajudam as pessoas a aceitar a mensagem Adventista, deixando de lado as razões principais de apostasia para uma discussão ulterior. Este estudo é baseado em 3217 respostas a um questionário preenchido por membros de 28 igrejas dispersas no território da União dos Lagos. Mais de 300 entrevistas tiveram lugar com os membros e pastores destas igrejas, e elementos suplementares foram fornecidos graças aos registos de igreja, às estatísticas da União e da Conferência Geral.

Estas 28 igrejas foram escolhidas segundo os seguintes critérios: *lugar de residência* (rural, urbana, suburbana, cidade pequena), *número de membros* (menos de 100, 100-250, 250-600, mais de 600); *Composição étnica* (Pretos, Brancos, Orientais, Espanhóis, Americanos, Mistos); *data da fundação*; *acessibilidade*.

Na maior parte dos casos os inquiridores eram «pastores estudantes» trabalhando nestas igrejas, o que muito contribuiu para a veracidade da análise e avaliação dos factos recolhidos.

O crescimento da Igreja é um assunto complexo. Não o podemos limitar ao crescimento numérico, porque nas Escrituras e nos escritos de Ellen White, o crescimento da igreja inclui também o crescimento em espírito e em verdade, em conhecimento e em graça. A Igreja foi também chamada a manifestar a glória de Deus e a ser o Seu instrumento de evangelização e de serviço.

Um conceito Adventista sobre o crescimento da Igreja deveria incluir, pelo menos, cinco aspectos:

1. O número de pessoas que se unem à Igreja; quem são essas pessoas e quais são os factores que mais os incitaram a se interessarem na mensagem Adventista e a se unirem à Igreja pelo baptismo?

2. Que efeito teve sobre elas a sua participação na vida da Igreja depois que se tornaram adventistas?

3. De que maneira têm os crentes crescido na sua compreensão da verdade, em amor, em piedade

e em vida santificada, e quais são os meios que, na Igreja, têm mais ajudado no seu crescimento espiritual?

4. O aumento, da parte dos crentes, na participação da missão da igreja.

5. Enfim, como tem a Igreja crescido no cumprimento do seu mandato profético mundial e especialmente na sua missão que consiste em manifestar, de maneira poderosa e completa, o amor de Deus, incluindo aos olhos dos poderes e autoridades nos lugares celestiais. (Actos dos Apóstolos, pág. 11).

O que revela o inquérito

Das vinte e oito igrejas sujeitas a este inquérito, seis têm uma taxa média anual de crescimento de 5 a 9%, cinco de 2 a 4% (crescimento médio na América do Norte), enquanto que 17 — ou seja mais de 60% — não crescem absolutamente nada ou experimentam mesmo uma perda de membros! Quais são os factores que provocam estes resultados?

Em primeiro lugar *o tamanho da Igreja*. Quando os quatro critérios fundamentais de envolvimento religioso — assistência aos cultos da igreja, estudo e vida piedosa, crenças doutrinárias e participação prática — são considerados, as igrejas de 200 a 350 membros são, de longe, as que têm maior crescimento, e têm, de longe, o potencial de crescimento mais elevado.

Em segundo lugar *a situação geográfica* da igreja afecta o seu crescimento. Certas populações são, sem dúvida, mais receptivas à mudança religiosa do que outras. Regista-se uma grande receptividade em sectores de grande mobilidade, de mudança socio-económica rápida e onde a população cresce. Onde existem estes factores — cidades pequenas, regiões em vias de desenvolvimento e certos subúrbios — o potencial de crescimento para a igreja é muito maior do que nas zonas rurais ou nas cidades de tradições bastante enraizadas.

Fundados sobre estes dois factores apenas, os nossos planos de evangelização deveriam prestar uma atenção especial a estas zonas de mudança rápida e de crescimento da população, e deveríamos desenvolver as estruturas da Igreja que melhor possam prover às necessidades particulares dos novos membros como sejam a comunicação fraternal, a franqueza e a estabilidade. Este género de estrutura inclui necessariamente as igrejas de 100 a 350 membros.

O terceiro factor de crescimento, — e o que é de longe o mais importante — é *o envolvimento dos leigos*. Não menos de 67% das pessoas que se unem à Igreja Adventista e não têm parentes adventistas, entram em contacto com a mensagem adventista por intermédio dos membros (conhecidos, vizinhos, amigos, etc). O laicado adventista é ainda, de longe, o factor mais importante na decisão de aceitar a Mensagem e de se unir à Igreja pelo bap-

tismo (57%). As seis igrejas que se desenvolvem rapidamente têm todas um laicado profundamente consagrado e envolvido. Entretanto, contrariamente à crença geral segundo a qual estes membros deveriam estar implicados no programa «oficial» da igreja, os resultados dos inquéritos indicam que o êxito dos leigos como factor de salvação dos indivíduos vem do *testemunho espontâneo* — no qual os crentes dão as razões da sua fé na sua vida quotidiana e nos contactos que fazem nos seus lugares de trabalho e na sociedade. Uma das tarefas mais urgentes da Igreja consiste, por conseguinte, em preparar os membros de igreja para este papel de testemunho espontâneo, segundo os seus dons espirituais particulares, os seus interesses particulares e os seus *talentos específicos*. A formação dos leigos deveria ter em conta a diversidade de dons que caracteriza *cada* igreja local.

Que pessoas acrescenta Deus à Sua Igreja? As igrejas Adventistas são compostas por uma grande percentagem de mulheres. Nalgumas das nossas igrejas as mulheres são o triplo dos homens, especialmente no grupo etário de 30 a 45 anos. Vários factores explicam, assim nos parece, esta situação. A Igreja Adventista cresce muito graças aos laços familiares, e este factor parece influenciar mais as mulheres do que os homens. A evangelização pública, os programas de rádio e TV adventistas, assim como as nossas publicações, tocam mais as mulheres do que os homens. O pastor tem uma influência mais persuasiva sobre as mulheres do que sobre os homens. A taxa de apostasia, especialmente para o grupo etário de 30 a 45 anos, é mais elevada nos homens do que nas mulheres.

Embora as pessoas que se unem à Igreja Adventista venham de meios diferentes, parece-nos que uma grande maioria delas pertence à classe de operários especializados e trabalhadores independentes vivendo numa receita de 6 500 a 15 000 dólares (1973) e que eram geralmente, membros doutras igrejas antes de se tornarem Adventistas do Sétimo Dia. Estão praticamente ausentes os muito pobres, os operários não especializados, os economicamente débeis, as pessoas de pouca cultura, os intelectuais muito cultos, e os que não têm filiação religiosa.

Cerca de 80% dos nossos membros de igreja provêm de meios adventistas. Podemos, por conseguinte, alegrar-nos pelo facto dum grande número dos nossos jovens permanecer na Igreja (as escolas de igreja são um factor de crescimento muito importante). Mas por outro lado, a Igreja deveria interrogar-se acerca do seu fraco impacto sobre as massas, sobre o escol intelectual e os não cristãos. Parece-nos que a despeito das grandes somas de dinheiro gastas e dos recursos empregados para o crescimento da Igreja, dificilmente 15 a 20% das pessoas da América do Norte terão tido a oportunidade de ouvir claramente a mensagem adventista. Que fazer com as 80 a 85% restantes? Elas representam o desafio lançado à Igreja Adventista na década de 1980.

As pessoas que se unem à Igreja Adventista fazem-no por diversas razões e de diversas maneiras. O lar adventista, os amigos, as escolas, os pastores e, em menor grau, a evangelização pública, as publicações, a rádio, a TV e as instituições médicas desempenham todas o seu papel.

Mas como continuam estes novos conversos a crescer? O dito relatório sobre o crescimento da Igreja revelou uma situação bastante crítica. Uma vez que as pessoas se baptizem na Igreja Adventista, constatamos nelas um crescimento muito débil. Produz-se muitas vezes uma espécie de aplainamento que parece impedir os crentes de crescer em piedade e em espiritualidade, no envolvimento na Igreja e no testemunho. Segundo os resultados das pesquisas, muitos crentes fazem depender o seu desenvolvimento ulterior quase totalmente dos serviços religiosos de Sábado. O estudo pessoal da Bíblia e a piedade pessoal regular são *raros*. Ressalta da pesquisa que as visitas frequentes de amigos adventistas desempenham um papel importante que ajudam os membros a crescer espiritualmente ou os impede de abandonar a Igreja. Somente 25% (na maior parte das pessoas de idade) mencionaram que os livros do Espírito de Profecia contribuíram muito para o seu crescimento. A maior parte dos crentes estão conscientes do facto de que o seu crescimento espiritual é nulo e buscam os meios de crescer. 45 a 53% desejam melhores sermões, apresentando a Palavra de Deus compreensiva às condições de vida actuais, como meio de continuar a crescer. Melhores lições da Escola Sabatina e melhores publicações adventistas são também mencionadas, assim como maior fraternidade entre os adventistas. De acordo com o inquérito, todas as igrejas que crescem são, de facto, igrejas gozando duma comunhão fraternal muito calorosa, estimulada por outro lado pelo pastor e pelos membros. Finalmente, os crentes gostariam, de preferência, que o pastor os ajudasse por meio de visitas, programas de formação de leigos e apoiando-os no seu envolvimento missionário.

Uma das descobertas mais surpreendentes deste inquérito foi a imensa diversidade que encontramos nas nossas igrejas. Não apenas os crentes diferem uns dos outros, mas cada igreja local tem as suas características próprias e seu tipo de crescimento. Esta diversidade influi não somente na participação individual nas diferentes actividades de evangelização da igreja, mas numa grande medida na espontaneidade, na atitude e actividade de cada igreja. Para ajudar cada igreja a crescer e a se desenvolver segundo o seu carácter particular e a sua situação, é importante que as igrejas locais sejam encorajadas a pôr em prática programas e actividades que estejam mais em harmonia com a personalidade de cada uma delas.

Esta maneira de agir permitirá também a um maior número de membros de se envolverem nas actividades da igreja. **A uniformidade**, fundada no conceito erróneo dum «corpo adventista único», revela-se como um obstáculo ao crescimento.

Papel diferente para o pastor

Este inquérito revela finalmente a necessidade duma mudança no papel do pastor no que concerne ao crescimento da igreja. Estruturalmente, o seu trabalho actual não o incita a concentrar-se sobre os factores seguintes que favorecem o crescimento da igreja: preparação de sermões, formação de leigos, visitas aos lares, participação no esforço missionário da igreja, acção pastoral, cura da alma, etc. A sua formação actual também não o qualifica muito para ser o chefe de fila do crescimento da Igreja.

Para modificar esta situação, recomenda-se que cada Federação organize seminários sobre o crescimento da Igreja para os seus pastores — como algumas federações o fazem já — para que o pastor esteja melhor preparado para desempenhar a sua missão que consiste em ajudar a Igreja a crescer. Pois a despeito de certos sinais de alarme revelados por este inquérito, os membros da Igreja adventista têm um profundo desejo de servir a Deus e utilizar os seus numerosos dons espirituais, os seus talentos e o seu dinheiro a fim de realizar a obra para a qual Deus os chamou.

A Criança Inadaptada

Uma criança inadaptada é a que experimenta grandes dificuldades em se adaptar à vida normal (familiar, social e geralmente à vida escolar), podendo mesmo nem sequer conseguir fazê-lo. Evidentemente acontece que a inadaptação se manifesta ao mesmo tempo na escola e fora dela.

A criança «atrasada» que não pode seguir o ritmo normal de aquisição escolar, é uma criança inadaptada. A criança inteligente mas instável, insuportável, em casa como na escola, é também inadaptada. A criança surda que, não entendendo as palavras das pessoas que a rodeiam, não pode adquirir a linguagem de forma normal, é também, e tragicamente, inadaptada.

Neste artigo focaremos somente e de uma maneira muito genérica, o problema da reabilitação dos inadaptados intelectuais. Nestes casos a inadaptação é essencialmente escolar, e salvo em casos de debilidade profunda ou demasiado profunda, é na escola que se verifica a deficiência.

Muitas crianças apresentam deformações congénitas a nível do cérebro ou dos órgãos internos, ou ainda perturbações do metabolismo como diabetes, deficiências mentais, etc. Estas podem ser tratadas por quimioterapia, e até mesmo evitadas e compensadas por um regime alimentar adequado. Muitas vezes é possível detectar anomalias congénitas no início da gravidez, antes que sinais evidentes revelem a presença de uma afecção irreparável.

Circunstâncias negativas no meio ambiente da criança, tais como tensão no seio familiar, dificuldades com os colegas ou na escola e problemas da puberdade podem também exercer uma influência desfavorável.

Já se provou há muito que os dezoito primeiros meses de vida representam um papel chave no de-

envolvimento das qualidades intelectuais e psíquicas da criança. A importância da amamentação, as repercussões da actividade da mãe fora de casa, a entrega a infantários ou creches são muitas vezes subestimadas em prejuízo evidente da criança.

Os pais de «inadaptados» deveriam dispor de centros de consulta que, em contacto com o médico, o psicólogo, o pedagogo e o sociólogo, tentassem resolver os problemas levantados pelo estado de saúde da criança no seio da família, no jardim infantil, na escola e finalmente na altura da inserção profissional.

Não esqueçamos, contudo, que hoje em dia, e mais do que nunca, a estabilidade dos laços sociais no seio da família, constitui para a criança tanto «normal» como «inadaptada», a melhor preparação para as solicitações sociais e intelectuais da vida.

Dentro do possível deveria a família encarregar-se durante os 3-4 primeiros anos, de fazer progredir a criança atrasada no seu desenvolvimento, com o apoio dos serviços de pediatria e neuropsicologia. Somente a partir dos 6 anos, deveria recorrer-se à admissão em estabelecimentos escolares especializados. Nestes existem classes de aperfeiçoamento em que se tem em conta os caracteres psicológicos próprios das crianças inadaptadas. O conteúdo do ensino, é concebido fundamentalmente em função das aptidões dos alunos e das suas necessidades essenciais.

No entanto, e para que a criança tire proveito das actividades escolares, torna-se necessário que essas actividades não sejam sentidas por ela como impostas e aborrecidas, mas sim, que lhe excitam a atenção, a acção, em suma que a motivem. E, como já foi dito, é a família que melhor pode contribuir para essa motivação.

Página dos Jovens

A Família, Instituição Básica

Mariana Mendes Palma

Nos esforços tendentes a rebaixar cada vez mais a condição humana tem especial relevo e preponderância tudo o que possa contribuir para o desmantelamento da Família.

Se outras razões não houvesse para estarmos alerta a todos os rebates sociais que mergulham o homem progressivamente na sua própria ruína, bastar-nos-ia atentarmos nos pontos atacados com mais incidência e afinco, para deduzirmos da importância relativa desses pontos como meios seguros para a realização humana.

Assim, pela luta travada em destruir a Família nós temos a medida inequívoca da força poderosa que ela representa para a dignificação do indivíduo e a solidez das sociedades.

Elemento de tão grande valor como base e esteio da existência do homem sobre a Terra, é compreensível que ela seja atacada como praça forte, aonde possa resultar a queda irrecuperável do indivíduo.

Colocando-nos a certa distância dos fenómenos sociais dos nossos dias, é-nos permitido destrinçar com clareza o porquê de tantas circunstâncias que à primeira vista parecem rotineiras e de sucinta importância. Esta é uma delas.

Muitas pessoas não dão ao caso um significado de maior, quando assistem ao desmoronar das normas morais que um dia foram ditadas aos homens, atribuindo-as à evolução dos tempos, com a qual é mister conformarmo-nos.

Não podem aceitar que por baixo disso esteja uma razão poderosa e uma tática subtilíssima no ataque a esta ou àquela fortaleza.

O estabelecimento das ideias, encaminhando-as para uma habituação costumeira, faz-lhes perder os contornos, o fulcro, e a própria razão de ser.

No círculo do mundo, aqueles que sabem, procuram esquecer que a Família foi a primeira instituição criada no seio da espécie humana, e se isso se fez, é porque fortes motivos existiam para que as-

sim fosse. No entanto, as pessoas que não põem a razão acima das razões da matéria facilmente são enredadas em situações de escorregadia aceitação para tudo.

Que as gerações que passam sobre a terra vão adquirindo normas de vida que melhor quadrem ao seu ambiente humano de saúde, cultura, relação recíproca, actividades físicas e sociais, é aceitável e necessário no seu ciclo evolutivo. Mas que, conjuntamente, se pretendam derrubar alicerces que implantaram a sua vida na Terra, cuja feitura não está na sabedoria humana é tentativa vã.

A Família não é um mero agrupamento estabelecido ao acaso por mãos humanas. A Família é uma instituição criada pela Providência divina, destinada a salvaguardar e a dignificar a vida de relação entre indivíduos, e, como tal, é, e será sempre a melhor defesa contra os ataques daqueles que lhe são estranhos. Uma vez desbaratada essa fortaleza, o homem ficaria exposto a todos os demandas, como expostos estão aqueles que a pretendem aniquilar.

Nada do que Deus fez ao homem pode desfazer, porque as Suas determinações são estabelecidas tendo em vista o maior bem para cada ser.

O homem não pode mudar o que é da Providência divina; e nessa tentativa, está a razão da sua própria degradação.

É no seio da Família que se presta o verdadeiro culto a Deus, dando expressão à Sua lei assim vivificada nos corações humanos, alcançando-se deste modo a finalidade para que essa mesma lei foi dada aos homens.

É daí, do meio familiar, que a lei emana e vai assim produzindo seus frutos na relação com o nosso semelhante. E, conseqüentemente, é da Família que ressaltam as bases para a construção da sociedade, que todos nós desejamos mais justa, unida e humana.

Uma Revista Adventista em cada lar

A História do Correio

Os chineses foram os pioneiros absolutos da comunicação postal.



Mas os primeiros despachos por via aérea talvez tenham sido feitos pelos cretenses e fenícios, que utilizavam para este serviço pombos e andorinhas.

Já no século XII antes de Cristo, os egípcios dispunham de um sistema postal bastante eficiente.

Ser carteiro, todavia, naquela época não era tarefa fácil, pois mesmo as maiores distâncias eram percorridas a pé, e as estradas ofereciam o constante perigo de salteadores.

As principais vias postais do Egito possuíam estações de pernoita para os mensageiros passarem a noite. Mas mesmo nessas estações os carteiros tinham pouco sossego. Para evitar que dormissem demais, os encarregados dessas estações costumavam atar-lhes às pernas cartuchos que explodiam com

“O Cantinho Infantil”



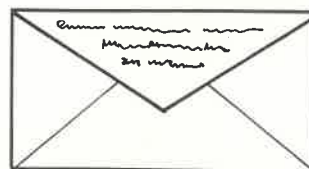
grande estrondo. Logicamente, o carteiro punha-se de pé num salto. Era assim que se mantinha a pontualidade da organização postal.

O receio de que a correspondência fosse violada levou algumas pessoas a elaborarem métodos secretos de comunicação. Houve, por exemplo, o caso de um tal Isteo, que por volta do ano 500 antes de Cristo, iniciou actividades subversivas na Pérsia.

Desejando propagar as suas ideias sem correr riscos, decidiu escrever a Aristógora, outro rebelde, da seguinte maneira: rapou o cabelo dum escravo e escreveu a sua mensagem no couro cabeludo.

Depois de aguardar que os seus cabelos crescessem novamente, despachou-o para o destinatário. Aristógora precisou apenas de uma tesoura para poder ler o texto secreto.

Aos poucos o sistema postal foi evoluindo e com a uniformidade das tarifas e a criação dos selos, na Inglaterra, o correio tornou-se um êxito mundial. O progresso nos meios de transporte colaborou muito para acelerar o processo de entrega dos milhões de cartas escritas diariamente.



NOTÍCIAS DOS AÇORES

Novas da Lomba de S. Pedro (S. Miguel)

Núcleo populacional recentemente eleito em freguesia com cerca de 200 habitantes, e, dedicando-se prioritariamente à lavoura, a Lomba de S. Pedro fica situada a norte da ilha de S. Miguel (Açores), a cerca de 60 quilómetros de Ponta Delgada. É lá que temos uma pequena salinha aberta para a pregação do Evangelho.

O primeiro crente que encontramos nos registos data de 1959. A sepultura já o chamou. Era responsável nessa época o Pastor Fernando Mendes. Mais tarde, e, através do firme testemunho da irmã Alexandrina Pacheco, da Salga, hoje radicada em New Bedford (Estados Unidos), o Evangelho teve um poderoso arranque sob a profícua batuta do Pastor Orlando Costa.

Chegamos a ter muitas dezenas de crentes interessados, mas, o declínio causado pelo surto migratório em direcção ao continente norte americano, cerceou-lhe toda a expressão de grandeza que hoje deveria justamente possuir.

Mal fomos apresentados pelo nosso predecessor Pastor Albino Vieira, vimos que três dos onze membros locais mandaríamos para o Canadá. Ficaram oito!

A angústia de vermos partir três dos nossos jovens, e, conseqüentemente a ausência dos seus laboriosos préstimos foi compensada pouco tempo depois com a presença sistemática da família Arruda Melo, fruto do testemunho da irmã Gilda Amaral.



Novos membros e obreiro responsável da Lomba de S. Pedro

Teríamos de lançar as nossas redes prioritariamente para aquelas águas que se apresentavam favoráveis. Neste sentido foi empreendida uma certa atenção com incidência particular na campanha de evangelização realizada de 15 de Junho a 4 de Julho último.

Três preciosas decisões foram o corolário de todo um trabalho encetado em que tivemos o ensejo de receber a ajuda de alguns bons colaboradores.

Recordemos os nomes de João Gonçalves, Aristides Peixoto, Dionísio Araújo, José Garcia, e, Isac Avelino.

Eramos oito, mas, com o batismo da Délia Maria, do Liberal Manuel, e, de sua mãe Silvana Arruda Melo, em Julho último, passamos de novo a ser onze crentes inscritos neste grupo.

Algo mais há a fazer, pois, o interesse cada vez se cimenta mais nesta freguesia. As águas voltam a estar de novo com bom aspecto. O alfobre da Lomba de S. Pedro vai continuar a render os seus frutos. Confiemos n'Ele.

Manuel Bernardo Ferreira

Depois de longo período de doença no hospital de Ponta Delgada, adormeceu no Senhor no passado mês de Abril de 1981.

Crente de raízes bem sólidas, admitido no seio da igreja no ano de 1955, deixou mais pobre a família adventista do Pico da Pedra.

A lucidez de fé mostrada até aos últimos momentos, e, a maneira como testemunhava dos princípios que o norteavam relevam o cristianismo vivido.

Acompanhámo-lo ao cemitério de S. Joaquim com um misto de pesar e de satisfação interior, por termos a esperança de o revermos «naquele Dia».

Escola Cristá de Férias

Com a presença de cerca de 25 crianças, em 15 a 25 de Setembro último tivemos o nosso programa dentro das



Crianças e responsáveis da Escola Cristá de Férias realizada em Ponta Delgada

boas instalações da igreja de Ponta Delgada.

Durante 10 trabalhosos e abençoados dias tivemos o ensejo de semear nos pequeninos corações a bem-aventurada esperança.

Realcemos a prestimosa colaboração da irmã Lúcia Resendes Garcia, da Jovem Teresa Ribeiro, e, a orientação da irmã Ana Rosa Garrido.

Experiência a repetir, tal foi o agrado com que ela foi por todos recebida.

*Manuel Magalhães Batista Garrido
Pastor da Igreja Adventista do Sétimo Dia*

UM ESTUDANTE FORMADO NO «MOUNTAIN MISSIONARY INSTITUTE» INICIA UM PROJECTO MISSIONÁRIO ALÉM-MAR.

Outro projecto de arranque missionário foi lançado por um estudante formado no «Mountain Missionary Institute of Harrisville, New Hampshire».

José Garcia e a sua família, antigos membros da Igreja Adventista do Sétimo Dia de Lowell, Massachusetts, seguiram o chamado do Senhor para regressarem à sua terra natal, as ilhas vulcânicas dos Açores. Após 18 meses de estudo e preparação no «Mountain Missionary Institute», regressaram o ano passado a fim de trabalharem a favor das almas na sua terra natal. Os Garcias haviam vivido nos Estados Unidos durante 14 anos; somente 8 destes como Adventistas do Sétimo Dia. A sua mudança de estilo de vida ao regressarem, embora de interesse curioso para os seus amigos e familiares na aldeia, tornaram a recolocação e a transição uma tarefa nada fácil.



Componentes locais do Instituto Vida do Campo

Mas, o objectivo do Irmão José era estabelecer um centro de treino leigo semelhante ao «Mountain Missionary Institute». Após meses de procura ele localizou uma propriedade apropriada, que consistia numa casa grande, instalações



Vista da propriedade do Instituto Vida do Campo

para pradaria, outros edifícios e um pomar de laranjeiras — um assentamento perfeito para uma escola auto-suficiente.

«Instituto Vida do Campo», como é chamado o novo centro educacional, está situado num local rural com a área de 4,8 ha, a apenas 16 Km de Ponta Delgada, a maior cidade na ilha, tornando-o um posto avançado ideal.

Uma bela Igreja Adventista do Sétimo Dia, recentemente construída pelo grupo «Maranatha Flights Inc.» está já estabelecida. Os Garcias esperam trabalhar de perto com o Pastor Manuel Garrido.

A fim de apoiarem e apressarem o progresso na edificação do novo programa de ensino, duas estudantes do «Mountain Missionary», Teresa Proctor e Kelly Cook, foram escolhidas para assistirem a família Garcia.

Charles H. Cleveland, Administrador do «Mountain Missionary Institute», regressou recentemente numa viagem de uma semana aos Açores. As pessoas interessadas podem contactar o Pastor Cleveland para uma apresentação de Slides coloridos do novo projecto.

ERMESINDE NOS DIAS DAS COISAS PEQUENAS

«Não desprezeis o dia das coisas pequenas!»

Comprendemos, agora, porque os silenciosos mensageiros que são colocados nos lares do povo pelo trabalho do colportor, fortalecerão o ministério evangélico em todo o sentido (Evangelismo, p. 161, 2).

Bendizemos a hora da criação duma escola sabatina filial numa simples garagem, sem grandes comodidades, numa rua ainda desconhecida para o habitante mais viajado da freguesia de Ermesinde.

Recordamos com saudade a fragrância outonal de 1980, sobretudo as tardes de sábado vividas abundantemente em estudo e oração num pinhal, pelo primeiro grupo que resolveu acreditar que uma pequena sala, ainda em obras, iria conter o povo que breve constituiria a primeira Igreja Adventista do Sétimo Dia de Ermesinde.

Sentimos hoje que «a harmonia e a união que existem entre homens de disposições várias constituem o mais forte testemunho que se possa dar de que Deus enviou o Seu Filho ao mundo para salvar os pecadores». (Test. Sel. p. 246).

Não duvidamos que «Se os Adventistas do Sétimo Dia despertarem agora e fizerem a obra que lhes foi designada, a verdade, de modo claro, distinto e no poder do Espírito Santo será apresentada às nossas cidades negligenciadas» (Test. Sel. p. 300).

Estamos convictos que esta obra é demasiado pequena para albergar os médiocres, os que deliberadamente confundem o difícil com o impossível, apreciam a grandeza da aparência, da comodidade e, por isso não reconhecem Aquele que segreda: «A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.»

Na singeleza da sua unidade, na humildade da sua pequenez e na firmeza da fé no Senhor Jesus Cristo a congregação de Ermesinde viveu intensamente o volver duma semana duplamente festivo, marcado pelas datas de 19 e 20 de Dezembro de 1981. Com efeito, no dia 19, realizou-se a cerimónia do aparecimento de mais uma luz no firmamento das igrejas adventistas em Portugal e, no dia 20, aconteceu uma festa de Natal para muitos impossível uma semana antes.

Mas estas duas datas, plenas de significado para os Adventistas de Ermesinde, não são mais do que o somatório das pequenas coisas, através das quais o Senhor Se revela. Não vamos reconstituir a pequena história do aparecimento desta igreja, já oportunamente relatada nesta revista, todavia queremos relembrar o ambiente vivido na reunião administrativa que decidiu por parte dos membros, a passagem do grupo a igreja. Ali, revelaram-se os receios, as hesitações, as fraquezas, as grandes questões ante um futuro ignorado e cheio de responsabilidades. Todos sentiram estar a decidir para a

eternidade e, por isso, foi difícil obter uma maioria expressiva, embora houvesse um claro consenso entre todos quanto à sua permanência futura naquele local e à entrega pessoal sem reservas para o serviço do Mestre. Assim, não obstante alguns não terem votado pela adoção do estatuto de igreja todos estiveram unânimes em permanecer de ânimo redobrado.

Depois veio a festa, com o seu simbolismo vivificado pelo pulsar da fé. Pela manhã a deslocação à igreja do Porto onde pudemos participar na consagração do jovem pastor Paulo Jorge Morgado como ancião da nova igreja. À tarde, todos estiveram em Ermesinde para a cerimónia dirigida pelos Pastores Joaquim Morgado, José Manuel de Matos e Paulo Jorge Morgado. Tudo foi simples mas pleno de significado. O Pastor Matos começou por fazer a história da igreja salientando ter ela «as condições teóricas para ser uma verdadeira igreja evangelizadora». A leitura responsiva de Romanos 12:1-3, 9-21, dirigida pelo Pastor Paulo Morgado, não foi mais do que uma reflexão esclarecedora dos métodos que permitirão alcançar o alvo anteriormente proposto, por quem teve a grande responsabilidade de vigiar o crescimento do grupo. A meditação apresentada pelo presidente do campo, pastor Joaquim Morgado, foi um chamado à responsabilidade imposta pelos desafios futuros: A necessidade de ampliar o lugar da Tenda, alongar as cordas e firmar bem as estacas (Isa. 54:2) não deve ser encarada levianamente quando se tem de cuidar do campo promissor de Viana do Castelo num tempo em que vemos «que se vai aproximando aquele dia» (Heb. 10:25). Finalmente, o

ponto alto da reunião com a chamada da igreja, cada membro acendendo a sua vela no facho empunhado pelo irmão Jaime Branco, primeiro ancião sempre dedicado ao grupo até à sua autonomia, e a decisão individual de contribuir para a diminuição das trevas espirituais circundantes.

Após a reunião, alguns irmãos sentiram que o Senhor os queria utilizar como instrumentos vivos; por isso, reuniram para a oração numa sala da escola sabatina dos mais novos e saíram para convidar as vinte crianças mais assíduas da Escola Cristã de Férias a estarem presentes na Festa de Natal, que se realizaria na tarde do dia seguinte. Apesar de já serem 6 horas da noite, o trabalho de casa em casa foi muito fácil. Perante o espanto de todos, uma criança encontrada na rua encarregou-se de conduzir os receosos missionários às primeiras portas. Depois, foi um entusiasmo que percorreu todas as outras casas completou os vinte convites

ao fim de meia hora e finalizou com lamentações pelas outras 40 crianças que não tinham sido contactadas. Mesmo ali na rua, junto a uma escola era a ocasião oportuna para a oração final.

No domingo, a festa de Natal, o nervosismo, a improvisação, a participação activa das crianças da igreja, o aparecimento do primeiro grupo coral, o silêncio absoluto nos momentos solenes de oração, as vinte crianças que se encarregaram de trazer mais vinte e sete, enfim..., aconteceu Natal e Jesus nasceu mais uma vez no coração de muitos.

Daqui em diante, tudo dependerá do uso que fizermos das oportunidades e do maior poder que existe sobre a Terra — a **oração**. Os planos são ambiciosos e contam com a vossa colaboração, amigo leitor. Portanto, orai pela nova igreja de Ermesinde! Este é o momento propício!

Lúcio Flávio



A Mensagem Adventista no Mundo

ADOPTADA DECLARAÇÃO DE NÃO-DISCRIMINAÇÃO SOBRE CONVICÇÕES RELIGIOSAS

Genebra, 10 de Março de 1981.

Às 17h 30 o presidente da Comissão para os Direitos Humanos nas Nações Unidas deu a palavra ao presidente do grupo de trabalho, sr. Abdoulaye Dièye, Juiz do Supremo Tribunal do Senegal.

Ele relatou resumidamente, o que estava apresentando num mui elaborado documento com o número E/CN. 4/L 1578.

Após 20 anos de trabalho e discussão este documento foi finalmente adoptado. Como organização não governamental o Departamento de Liberdade Religiosa da nossa Denominação, representado pelo seu director Dr. Pierre Lanarès, a quem foi dada a oportunidade de intervir. O Dr. Lanarès requereu que a observação do dia de repouso fosse incluída no primeiro parágrafo. Nem o Vaticano nem os Estados Unidos apoiaram esta proposta. Após muita discussão, pró e

contra, nos discursos dos delegados, finalmente o delegado Canadano falou em favor do exposto, que o nosso irmão havia preparado. Quando este ponto nº 8 do documento estava pronto para votação, levou apenas 10 minutos para o aceitar como um todo, sem mais oposição posterior.

Sem a intervenção dos observadores Adventistas o texto adoptado teria sido bem diferente.

Pierre Lanarès

AJUDA PARA O HOSPITAL DO BONGO, ANGOLA

As Igrejas Adventistas do Sétimo Dia da Alemanha Democrática ofereceram uma boa quantidade de equipamento médico e uma ambulância ao Hospital do Bongo, Angola. Os equipamentos, incluindo instrumentos cirúrgicos, injeções, estetoscópios, termómetros, esfigmomanómetros, etc, foram transportados num avião especial para Luanda com o

apoio do Comité de Solidariedade da República Democrática Alemã. A ambulância seguirá em breve em moldes idênticos, via marítima.

G. Hampel

CALENÁRIO DE DIAS E OFERTAS ESPECIAIS PARA ABRIL DE 1982

3 - 10 Abril — Cruzada Missionária.

24 Abril — Dia da Educação e Oferta para as Escolas

1 - 30 Abril — Campanha das Missões

Prezado leitor,

Por lapso, na página dos Jovens da Revista do mês de Março não foi mencionado o nome do autor do artigo «Um Centenário Controverso», *Alberto Nunes*, pelo que apresentamos as nossas desculpas.

Colecção «Palavras de Vida»



A Solução é Cristo

- A necessidade de confiar, conhecer e aceitar a Deus
- A alegria no Senhor

Do Sábado para o Domingo

- A mudança da observância do Sábado
- Como, porque e por quem foi feita a mudança
- A posição do protestantismo

Quem são os Adventistas?

- Gente optimista
- Confiança na Bíblia
- Amigos de Jesus
- Um povo saudável

A Doutrina do Arrebatamento Secreto

- A Hora do Arrebatamento
- Crenças Populares
- Acontecimentos relacionados com a vinda de Cristo

Seguro Social Divino

- Confiança no Plano que Deus tem para nós
- Recompensa do Mordomo fiel

Peça-os ao Secretário da Sociedade Missionária da Sua Igreja ou à:

Publishadora Atlântico, S.A.R.L.
Rua Salvador Allende, lote 18 - 1.º
2686 SACA VÉM Codex